

A ARTE SACRA COMO FERRAMENTA TRANSCENDENTAL DA RELAÇÃO DO HOMEM COM O DIVINO: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA A RESPEITO DA CONCEPTUALIZAÇÃO DA ARTE

SACRED ART AS A TRANSCENDENTAL TOOL IN THE RELATIONSHIP OF MAN WITH THE DIVINE: A PHILOSOPHICAL APPROACH REGARDING THE CONCEPTUALIZATION OF ART

Jean Júnior Aguiar¹

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade compreender o conceito de arte, suas finalidades e produções na vida do homem. Para tanto abordamos de um modo geral, a arte em seus diversos aspectos e em diferentes períodos, a fim de expor o nosso intuito: trabalhar a arte sacra enquanto uma ferramenta transcendental da relação do homem com o Divino. O homem sempre buscou algo que fosse maior que ele mesmo, que permitisse a ele transcender a sua finitude. A arte mostra-se como uma via ímpar para expressar isto, que constitui o anseio mais secreto da alma humana: a transcendência. A arte remete ao Belo. Esta tira o ser humano dos horizontes estreitos de sua finitude e o lança em uma outra dimensão capaz de leva-lo a ver com outro olhar, aquilo que, no ordinário, se estreita nos horizontes míopes de sua finitude. A arte sacra, por sua vez, tem um poder grandioso de mergulhar a nossa alma na busca d'Aquele que é capaz de satisfazer as nossas buscas mais íntimas. É por isso que trazemos essa perspectiva no assunto, a fim de nos introduzirmos nessa mistagogia que a arte nos proporciona. Sua perspicácia inflama os corações. Deste modo, todos aqueles que desejam encontrar-se com Deus podem, a partir dela, O encontrar pela sacralidade do conjunto que a arte traz consigo.

Palavras-chave: Arte sacra. Homem. Divino. Transcendência. Finitude.

Abstract: This current work aims to understand the concept of art, its goals and productions in man's life. For this, we approach, generally, the art in its several aspects, and in its different times, in order to expose our purpose: to work the sacred art as a transcendental tool in the relationship of man with the Divine. The man has Always sought "Something" that was bigger than himself, that allow him to transcend his finitude. The art shows itself as an odd way to express this that constitutes the most secret desire of the human soul: the transcendence. The art remits us to Beautiful. This takes the human being out of narrow horizons of his finitude and throws him into a dimension capable of taking him to see with other eyes that in the ordinary it narrows the myopic horizons of its finitude. The sacred art, in its turn, has a big power to dive our soul in search of what it is able to satisfy our more intimate searches. That is why we bring this perspective on the subject, in order to introduce in this mystagogy that art gives us. Its insight ignites hearts. In this way, all those who wish to meet God can, from it, find it through the sacredness of the ensemble that art brings with it.

Keywords: Sacred art. Man. Divine. Transcendence. Finitude.

¹ Discente do 3º ano do Curso de Filosofia da FAJOPA – Faculdade João Paulo II. E-mail: aguiar.jeaan@hotmail.com

Introdução

“Quem escolhe o teu caminho, Flores não vai encontrar. Vêm coroas de espinhos, Vêm motivos pra voltar. Mas quem escolhe o teu caminho, Além de tudo encontrará a maior das recompensas Que alguém pode ganhar; Vida eterna”. (Olivia Ferreira)

“AD MAJOREM DEI GLORIAM”²



O presente artigo tem por objetivo trazer uma vertente filosófica a respeito da influência da arte na vida do homem contemporâneo, visto ser este um ser que busca a todo custo um sentido mistagógico e transcendente para sua vida. A arte apresenta-se impossibilitada de ter uma única visão porque ela é viva, deste modo é puro movimento que implica transformação e não estagnação. Vemos isso na história da arte e como esta tem sofrido alterações ao longo da história, desde a pré-história até os dias atuais, na contemporaneidade.

Para que pudéssemos trazer à luz o sentido transcendente visado por este trabalho, houve a necessidade de retomar alguns aspectos fundamentais do que é a arte, cujas definições nos revelam a sua função na vida do homem, ou seja, na sociedade como um todo até chegar à religião ou ao homem religioso.

A princípio, sob a peculiar visão de Jorge Coli³ queremos trazer aos nossos leitores uma abordagem conceitual da arte: qual sua definição, quais seus atributos, o que ela pode ou não significar em nossas vidas. É preciso dar conta de entender o que dá a vida a algo que nós chamamos de obra de arte, seja ela uma coisa simples, como fazer um simples banco ou rebuscada como uma das belas pinturas já criadas pelo homem.

É preciso entender que os meios que nos cercam contribuem muito para a arte que produzimos, seja no sentido cultural, social, étnico e religioso. Coli explica que muitas obras de hoje podem não ser aceitas pela sociedade, como aconteceu com inúmeras obras da idade média e as que a sucederam, mas que posteriormente foram revistas sob uma nova perspectiva e depois valorizadas. Não podemos nos deter a compreensão de um

² <https://br.pinterest.com/pin/354447433159048024/>

³ Jorge Coli é um professor titular em História da Arte e da História da Cultura, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e colunista do jornal Folha de São Paulo. Nascido em Amparo, São Paulo no ano de 1947, hoje com 73 anos de idade.

objeto artístico do passado com o olhar de agora, isso seria cometer um grave erro como a própria história já nos provou. A arte é manifestação cultural e como tal, ela está suscetível a mudanças.

Contudo, a arte não pode roubar aquilo que é própria de cada cultura, como por exemplo, um objeto de culto ritualístico cujo objetivo não é de cunho artístico, mas de cunho transcendente e espiritual, ou seja, não correr o risco de tirar a sacralidade das coisas por conta de ser conceituada como uma obra de arte mesmo que para nós seja um objeto artístico. A arte tem uma sensibilidade própria que corresponde ao seu tempo e como tal é um elemento próprio de cada homem porque dá sentido aquilo que seus sentidos podem apreciar.

Depois de fazer essa análise conceitual, queremos nos debruçar sobre a arte e suas produções sob o olhar de Alfredo Bosi⁴. É proposto pelo autor que a arte nem sempre será tida como algo grande ou formidável, mas na maioria das vezes como algo sucinto, pequeno e muitas vezes até sem valor aos olhos de muitos. A arte por si só é natural ao ser humano e tudo o que perpassa sua vida é arte, como aquilo que fala, que vê, que expressa. Interessante notar que a arte está intimamente unida ao ser humano por conta do primeiro Artista⁵ desde seu ato criador.

O método transcendental mencionado no desdobramento do primeiro momento dar-se-á em três momentos: no fazer, no conhecer e no exprimir; herança, esta deixada aos homens pelos gregos antigos para enfatizar que todo o movimento humano é arte. A produção constante do homem, do seu existir é arte porque é um trabalho ininterrupto.

Trazendo uma abordagem mais religiosa, Coli nos diz que o Artista primeiro parte de um *insight* nas suas obras para criar e o homem é apenas um espelho dessa criação, ou seja, nós tendemos a fazer o mesmo que o Artista primeiro: criar a partir de um *Insight*. No ato criador da expressão artística temos a influência divina no homem, pois esta ação faz com que ele transcenda sua ação humana em algo que está além de suas próprias perspectivas.

Sendo a arte construtiva, ela pode a todo tempo ser desconstruída desde que passe da *mimesis* do conhecimento⁶, para a aplicação da construção original de outro mundo.

⁴ Alfredo Bosi é professor emérito da Universidade de São Paulo, crítico e historiador da literatura brasileira, membro da Academia Brasileira de Letras desde 2003. Nascido em São Paulo, capital, aos 26 de agosto de 1936, hoje com 83 anos de idade.

⁵ O primeiro Artista é a definição dada pelo autor para nos remeter à Deus.

⁶ Termo este usado pelos gregos para aludir a imitação dos traços e gestos humanos nas representações artísticas.

Como tal, a arte pode sofrer influência do tempo e do lugar que se encontra. Algo que aqui no Brasil é valorizado hoje pode não ser ao mesmo tempo valorizado na Europa.

No segundo passo, com o auxílio de Claudio Pastro⁷, traremos a distinção entre a arte sacra e a religiosa. Sendo Pastro especialista em arte sacra, ele vai desenvolver o conceito sacro como algo que é essencial ao culto, à liturgia e ao mistério celebrado, ou seja, aquilo que é o coração da nossa fé. Na vertente religiosa é aquilo que podemos ilustrar como mensagem moral.

No que diz respeito ao que queremos desenvolver neste presente trabalho, nos debruçaremos no sentido sacro da arte para dar conta de responder as futuras problemáticas levantadas de cunho transcendente. A arte sacra possuindo um papel eminente na sociedade, seduzindo o homem na sua observação pelos pensamentos, emoções, na sua própria personalidade, extraíndo de si pela *catarse*⁸, a fim de transcender o que a própria razão não dá conta de captar.

Queremos ainda neste passo fazer uma exposição das duas posturas que são consideradas sacras: a de experimentar o sentimento de paraíso perdido e a do paraíso aqui e agora. Essas posturas tendem a levar o homem a sair de si mesmo contemplando com profundidade aquilo que a arte representa: o próprio Sagrado.

Quando falamos de espaço sagrado, ou seja, sacro, falamos de lugar onde encontramos Deus. A arte sacra tem um papel proeminente neste aspecto, pois a partir da sua arquitetura e o conjunto, a harmonia de todas as coisas que enaltece o templo acaba por enaltecer também a alma daquele que o contempla, elevando essa mesma alma a própria contemplação do Divino expressado em cada detalhe.

Fernando Arias⁹ apresenta um conceito importante nessa ótica da relação do homem com o divino: o silêncio. O silêncio é defendido por ele como uma arte que faz parte do espaço sagrado, cuja função está propriamente na mística da introdução do homem no mistério celebrado. Na arte do silêncio somos capazes de escutar, contemplar e meditar o que é Divino. A arte sacra na Igreja não tem outra função a não ser a própria transcendência do homem com o Divino e a partir dessas expressões o homem facilmente O encontrará, porque Deus fala com aquele que deseja ouvi-lo.

⁷ Cláudio Pastro foi um artista plástico brasileiro dedicado a trabalhos de arte sacra. Considerado por especialistas o maior nome da arte sacra em seu tempo. Nascido em São Paulo, capital no ano de 1948.

⁸ Sua própria purificação pessoal.

⁹ Fernando Arias é um diplomata espanhol, que atualmente atua como diretor-geral da Organização para a Proibição de Armas Químicas. Nascido em Madrid, Espanha, aos 27 de Fevereiro de 1952, hoje com 67 anos de idade.

No terceiro e último momento são colocadas perguntas que são veemente no assunto tratado. Diante do texto, podemos perguntar por que pensar na arte sacra dentro da arte num modo geral? Por que quando pensamos na arte geral não conseguimos dar um sentido transcendente e até mesmo falar de uma relação mútua com Deus? Ao longo do desenvolvimento deste capítulo, tentaremos trazer uma resposta que seja plausível a todas as questões que serão levantadas.

É mister saber que quando se trata de arte sacra é insuficiente recorrer a apenas uma arte enquanto expressão do belo. Necessário ter o embasamento transcendental, que exprime essa Beleza que defendemos, por meio da nossa sensibilidade e imaginação, capaz de se transformar em uma mensagem de alegria para todos que nesta vertente da arte se debruça.

Em tempos pungentes de dor, de sofrimento, de solidão, de isolamento, aflitivo, angustiante, lancinante e até mesmo com um sabor amargo como estes em que estamos vivendo causados pela pandemia do novo coronavírus, uma reflexão profunda sobre a arte sacra pode contribuir exorbitantemente no conhecimento do homem em relação a si mesmo, visto que a partir desse processo de interiorização e introspecção, o homem se depara com sua pequenez, sua miséria, fragilidade e reconhece que por si só não consegue dar um passo sequer. A arte sacra enquanto representação dos mistérios divinos, nos recordam que desde a origem de tudo Deus nunca nos abandonou e deixou ainda registrado sua marca (o belo) nas criaturas, e superabundantemente no homem, que é Sua imagem e semelhança. Como sempre ouvimos dizer: “de todos os males Deus tira um bem maior”, não poderia ser diferente neste caso. A pandemia serviu para que o homem, lembrando de sua condição passageira e finita, pudesse lançar mão de cuidar de si e do outro em vista de um bem maior, estreitando laços e oferecendo condições melhores e mais humanas em tempos sombrios e difíceis.

1. Definição de arte

O termo “arte” tem um sentido muito amplo diante de todas as suas variações e expressões, sendo impossível ter uma única visão ou até mesmo compreensão do sentido dessa pequena palavra, mas com um grande sentido. Por isso, o intuito deste capítulo consiste em trazer teses e ideias de autores que nortearão o desenvolvimento desta pesquisa em relação ao estudo do que é a arte na humanidade, seu papel funcional, valores e conceitos e como ela age na vida do homem.

Jorge Coli afirma que não existe um objeto que seja mais arte que outro, mas que há certa hierarquização onde se revelam traços que são mais profundos que os outros, mais bem realizados, ou mais ricos que outros e não que um seja mais perfeito que o outro. A crítica do autor consiste em estabelecer um grau ou ordem de excelência ao objeto artístico, segundo critérios próprios que não são simplesmente do saber fazer, mas diversos em seus julgamentos. Um exemplo desta realidade é o trabalho de um carpinteiro, que dando vida a sua obra precisa conhecer o que envolve sua arte, tal como a madeira, a solidez da cadeira, a fineza dos detalhes, a delicadeza dos ornamentos.

No entanto, alguns fatores exteriores instauram a arte na nossa cultura hierarquizando esses objetos artísticos, como já mencionados. Podemos ressaltar que em certos casos, setores inteiros da arte passam por uma espécie de purgatório do mesmo gênero. Esses purgatórios são responsáveis pela purificação da obra de arte, que a princípio sofre recusa e rejeição, para somente depois passar para o estágio de aceitação. Catedrais góticas, esculturas, vitrais e inúmeras pinturas da Idade Média foram antes odiados por muitos renascentistas e posteriores, até que outros artistas e pensadores conseguissem mostrar o seu valor para a sociedade. O mesmo aconteceu com o barroco, o maneirismo que viviam numa constante oscilação entre o interesse e desprezo da sociedade daquela época. O que podemos afirmar é que a arte sempre sofreu e sofre muitos preconceitos por trazer um “novo” para a sociedade.

Essas frustrações no tempo sobre os juízos da arte são chamadas por Coli de fortuna crítica, pois já não sabemos mais onde nos agarrar para ganhar estabilidade; é o que afirma Coli:

Com esses exemplos, colhidos um pouco ao acaso, já podemos chegar a uma constatação deprimente: a autoridade institucional do discurso competente é forte, mas inconstante e contraditória, e não nos permite segurança no universo das artes. (COLI, 1995, p.15).

O que acontece na maioria das vezes é que o criador desenvolve em sua produção, tendências estilísticas diferentes que se sucedem no tempo, constituem as fases distintas do artista e essas constantes transcendem as suas obras, porque a arte não é limitada em um tempo específico. As diversas épocas constroem um plano de fundo estilístico comum às obras. No entanto, a obra de arte não se reduz ao estilo, ela é muito mais complexa.

Quando falamos em estilo pensamos em impressionismo, surrealismo, romantismo, rococó, egípcio, entre outros. Contudo, o que deve prevalecer ao pensar em estilo é a visão global do mundo, da sensibilidade, de uma atitude diante da sociedade, que ultrapassa o lado puramente formal; a especificidade do fazer artístico. Não importa o estilo que o artista possui, o que realmente importa é descobrir o que o artista revela no seu estilo artístico, como as suas preocupações, a sua visão de mundo, qual sua especificidade entre as artes de seu tempo e aquilo que ele mesmo pode contribuir na sociedade. As formas de representação de uma obra possuem suas leis próprias de transformação no tempo, que só podem ser encontradas na busca da própria forma, no contexto daquilo que quer representar. O tempo da história da arte é autônomo e possui as suas leis específicas.

Um erro grave que acabamos cometendo é excluir a problemática que a relação arte-cultura traz, que é a compreensão do objeto artístico que deve passar pela compreensão da mesma cultura que o produziu, em outras palavras, é enxergar a arte com os mesmos olhos daquela cultura, daquele tempo, daquele contexto e não com a visão sobre arte ou obra de arte da atualidade. Contudo, é preciso deixar de lado os crivos de rotulações, tais como moldes lógicos, ou seja, uma padronização no que se refere à arte, isso é perigoso, pois acabamos reduzindo a nossas próprias predisposições e tendências de arte aquilo que ultrapassa nossa própria compreensão.

A arte universal transcende o tempo e o espaço, como a Mona Lisa, por exemplo. Arte universal é uma obra de arte que sempre terá um valor artístico e possui uma “essência” artística com um valor em si mesma, intrínseca e imanente (= que não se separa), que lhes garante o “ser” da obra de arte.

Ao pensarmos a arte enquanto manifestação cultural precisamos entender que, o que é produzido em uma determinada cultura, (para um povo, como os indígenas, por exemplo) pode não ser considerado arte, por ser um objeto ritualístico ou de culto, mas nas demais culturas exteriores, ou seja, os que enxergam do lado de fora, esta produção ganha um valor artístico, por expressar e trazer vida aquilo que fora produzido, caracterizando povos e nações.

Coli ressalta o erro grave que o ser humano pode cair ao contemplar a obra de arte: tirar a sacralização de muitas coisas, como uma imagem, um ícone sagrado, ou objetos de culto e as reduzir em apenas “arte”. Não que não possua a sua beleza e seu valor artístico, mas deve-se saber valorizar cada objeto com sua principal função e não

fazer com que cada uma delas perca a sua própria funcionalidade prática, como a imagem de um santo que perde a sua função religiosa e passa a ser apenas uma arte entre as artes.

O autor sustenta ainda que a arte deve ser preservada hoje mais do que nunca, pois a humanidade já perdeu muito por não haver formas de preservação daquilo que um dia fora proporcionado, como ilustres cantores de séculos passados que apresentaram belíssimas canções que hoje seríamos incapazes de reproduzir. É como que se fosse uma arte jogada aos ventos, como Jean Renoir diz: “Cheguei mesmo a me perguntar se toda a obra humana não é provisória”, para mostrar que, se não usarmos de ferramentas de preservação, um dia tudo será extirpado com mais rapidez.

Ao fazer essa análise, o autor diz que a obra de arte tende ao desaparecimento. Os monumentos, as estátuas, os prédios, tudo isso, podem até durar mil anos, mas e depois disso, o que restará? A confirmação feita por ele é que há um contínuo e imenso esforço para que as obras artísticas sobrevivam. Mesmo que um belo trabalho de restauração seja feito em uma obra isso não significa que ela seja original, tal como foi feita a princípio, pois as cores mudam, os produtos usados já não são os mesmos, talvez até o material e a técnica do restauro sejam outros, isso revela a nós que a obra de arte é viva e está em constante mutação, isso ocorre não só nas artes plásticas, mas também na literatura, no teatro, no cinema e nas demais existentes.

A arte possui uma sensibilidade perfeita ao ponto de corresponder perfeitamente ao seu tempo aquilo que se pede dela. Todavia, Coli afirma que mesmo sendo a arte tão sensível ela está sujeita a falsificações, por possuir grandes seduções. Prova disso é que nos museus noventa por cento das obras são falsas, pelo fato de certas restaurações duvidosas falsificarem essas obras. A técnica é tão semelhante ao original que só um especialista saberia dizer se uma obra é ou não verdadeira.

A arte, como diz Mário de Andrade, “não é um elemento vital para o homem, mas um elemento da vida. Não é necessária como a comida, roupa ou transporte e uma vez que ela (= a arte) é associada a um objeto útil, ela passa ser supérflua”. A obra em si não trata somente de embelezamento ou ornamento, mas à ideia que possuímos da arte como representação de algo. Como já mencionado, a arte traz aqueles que a veem um sentimento, uma lembrança do que ela representa. Uma vez que um objeto passa a ser exposto como obra de arte, tais como objetos que possuímos em casa (coisas simples e cotidiana, mas que carrega consigo um afeto), que possuem certas lembranças, histórias, elas perdem sua função racional de utilidade e passa a ser um mero objeto de passividade e observação.

Diante disso, afirmamos que a arte possui uma existência frágil, pois não é necessária ao homem no sentido de dar existência a ele. Por outro lado, a arte reduz-se à gratuidade esvaziada de toda função, dependendo de assistência intencional e artificial pelo prestígio de ser arte. Exemplificando, um crucifixo antes usado para culto agora é “arte”. No entanto, a arte quando muda sua função, se torna um resíduo prestigioso refugiando-se na pura gratuidade, dependendo de uma assistência de conservação para sobreviver, em outras palavras, o homem não depende da arte para sobreviver, mas a sobrevivência da arte depende intrinsecamente do homem; e é o que Coli afirma “A existência da arte depende de fatores que a ultrapassam, tal como o homem que a preserva”. Se a arte não é vital, ela representa para nossa cultura um espaço de emoções onde o homem pode desenvolver-se de modo privilegiado e específico podendo expor suas necessidades, reflexões e refutações.

Essa relação do homem com a arte não deixa de ser racional muito pelo contrário, é estritamente racional. Ao criar uma obra de arte a razão está presente na fabricação, dependendo de um encadeamento lógico para ordenar as ideias e exprimir o resultado dessa produção. A razão está intrínseca no objeto artístico, mas há certo problema na transmissão dessa razão no objeto, pois a emoção, o espanto da intuição, associações, evocações, seduções são enfaixadas pela própria obra.

Como qualquer outra ciência, a arte já esteve a serviço do poder. No século XVII encontra sua docilidade ao exaltar a Igreja e a monarquia. Sua riqueza intrínseca faz explodir os limites de sua mensagem, aquilo que aquele pequeno ou grande objeto variando a circunstância expressava.

Vale enfatizar que a fruição da arte não é imediata, pressupondo certo esforço diante da cultura para conhecer o seu campo de atuação e a percepção artística não se dá espontaneamente. A complexidade do objeto artístico não permite ela ser imediatamente acessível. É preciso se aprofundar e mergulhar em uma obra de arte, para que a reflexão da mesma nos seja alcançada.

1.1. Arte e suas produções

H.W. Janson e Anthony e Janson relatam na iniciação à História da arte que os primeiros rastros do homem sobre a terra apareceram há exatos dois milhões de anos, mas os primeiros traços de criação, tal como os utensílios de usos foram encontrados seiscentos mil anos mais tarde (as ferramentas de caça feitas com pedras de diferentes

tipos e formas), não que antes desta data não houvessem outros utensílios já criados, mas que a partir deste dado histórico a partir do que fora encontrado pôde ser constatado e datado.

Há cerca de trinta e cinco mil anos foram encontradas as primeiras obras de arte que remetiam ainda ao período histórico do paleolítico, em que haviam representações artísticas de animais e estratégias de caças, mas que em si mesmas carregavam a sensação de vida, seja pelas cores, contornos, movimento e até mesmo pelo aspecto ritualístico e mágico que tentavam expressar.

Quando olhamos para as primeiras manifestações de arte tal como no período acima citado precisamos fazer um processo de abstração e entender como elas puderam ser manifestadas. Por isso, há a necessidade de nos determos ao fato de como se deu a origem e criação das cores e tintas ao longo da história. Os pré-históricos usavam de várias coisas para criar os pigmentos (cores), tais como pedras moídas, pedras preciosas e plantas. Uma vez que possuíam esses materiais eles moíam até virar um pó fino e posteriormente acrescentavam líquidos como óleo ou água para virar tinta. Esse detalhe é importante para o nosso trabalho, porque quando falamos de arte sacra nós falamos da harmonia de todas as coisas, sobretudo a harmonia das cores que compõe todo o trabalho artístico. Assim, quando vemos uma imagem de algum santo e suas cores representativas precisamos entender como e onde surgiu aquela cor que deu um significado ao que fora representado. Para clarear o que estamos tentando exemplificar, a cor azul era extraída do pó de uma pedra preciosa chamada lápis-lazúli, o amarelo do pó do açafraão, o marrom de múmias egípcias esmagadas, o preto da madeira queimada e da fuligem, o verde vinha do cobre e o roxo vinha de conchas moídas.

A partir dessas técnicas de criação é que a tinta fora incorporada em praticamente tudo: nas paredes das cavernas, nas roupas, nos corpos, nos utensílios criados (...). Na arte sacra não poderia ser diferente. As cores ganham sempre um sentido. Nas imagens de Nossa Senhora em que a maioria é representada pelo branco e azul temos a ideia da representação da pureza no branco e o celeste no azul. Nas demais imagens segue a mesma ideia, o marrom o desapego, pobreza, simplicidade, o preto a mortificação e assim por diante.

Queremos enfatizar que o homem após sua longa jornada pelo mundo descobriu muitas outras matérias que poderiam se tornar tinta, novas cores, novas texturas e novas combinações, que ajudaram a dar significado para as novas criações artísticas. Os significados que as imagens recebem (no caso das imagens sacras dos santos, de Nossa

Senhora, dos anjos...), só se deram a partir do momento em que os materiais foram esmagados, triturados, virado pó e posteriormente tinta. Antes disso seria impossível representar a Virgem Maria com seus tons azulados simbolizando a pureza, a virgindade; o mesmo se diz da representação dos santos e anjos e suas auréolas que só foi possível a partir do momento em que o homem descobriu uma técnica de afinar o ouro como se fosse uma folha tênue e a partir daí aplicar nos desenhos e nas imagens dando origem a elas.

Falando ainda sobre arte e suas produções, temos Alfredo Bosi que apresenta alguns desses conceitos da representatividade e funcionalidade da arte. Esta nem sempre se remete a algo intimamente ou formidavelmente grande, como as grandes obras conhecidas por todos: a Mona Lisa, Capela Sistina, cuja finalidade é causar no homem um grande impacto relativo ao sentimento do belo, mas o belo também está no pequeno e produz o mesmo efeito.

A arte deve ser vista como algo natural à vida humana. Tudo o que se produz, se fala, se vê é arte, pois ela está desde sempre presente no ser humano pelo primeiro Artista (= Deus) no seu ato criador. Ao analisar o homem e na sua necessidade de relacionar-se, percebe-se que essa relação se dá através da ferramenta de comunicação. Ora, a comunicação também se apresenta como uma arte, pois leva a humanidade a enxergar o ser tal como ele é. A função da arte é introduzir a humanidade naquilo que é transcendente, como o universo e o cosmos. Esse método de transcendência se dá em três momentos: no fazer – esse fazer mencionado é o serviço, colocar em prática o que está na ideia, para o real –, no conhecer e no exprimir aquilo que foi conhecido, herança essa deixada a nós pelos gregos. Eis o que é afirmado por Bosi:

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística. (BOSI, 1985, p. 13).

Ou seja, toda atividade do homem quando acompanhada de sentido, é considerada como arte. O que é ressaltado ainda pelo autor, é que toda ciência necessita de leis e bases para direcionar a humanidade. Também a arte, pois ela é a ciência do conhecimento do belo. Ela direciona a humanidade na busca de trazer para fora de si e expressar aquilo que mais se possui de belo. Esse “fazer o belo”, como Bosi apresenta, é um conjunto de ações e atos pelos quais se muda a forma. Disso decorre que os homens são protagonistas da

transformação da realidade em arte. Platão defende esta ideia ao dizer que a arte é uma produção constante tanto do músico, do político, quanto do filósofo que governa uma cidade inteira. Deste modo, a tese que fundamenta o pensamento de Bosi sobre a arte é que ela é uma produção constante do ser, do existir, pressupondo deste modo um trabalho ininterrupto.

Arte significa unir partes de um todo. Como tudo é arte e como ela está presente em tudo e em todos: na tecelagem, na música, na poesia, na pintura, no teatro, nas imagens, nas representações, na fala, ela passa do “não ser” enquanto ideia na mente do artista, para o “ser” no mundo real tomando um corpo físico expressado pelas variantes citadas acima. Contudo, ela não é fechada em si mesma e imutável, ao contrário, ela passa por constantes variações pelo fato do ser humano estar também em constantes criações. Como o Criador ou o Artista primeiro parte de um *insight* para criar, o homem também reflete a mesma ação do Criador como que se fosse um espelho da criação.

Algo importante passa-se no ato criador da expressão artística: a influência divina no homem. Evidentemente o artista não é como Deus, porém o artista ao criar, esta ação faz com que ele transcenda sua expressão meramente humana para algo relacionado ao que está para além de suas perspectivas. O homem com influências divinas é aquele que se pode considerar como os que são dignos de produzir uma arte que é capaz de levar os demais a ter um olhar mais aguçado para aquilo que permeia a humanidade: o Supremo Belo.

Platão sustenta a tese que a arte está para além daquilo que os olhos humanos contemplam, pois ela não está somente no mundo real, mas primeiramente no mundo ideal – pelo menos no mundo ideal do artista. Isso quer dizer que a arte em si traduz-se como um reflexo do conhecimento; e a mimesis (= faculdade de reprodução) deste pensamento se dá quando o homem apresenta-se capaz de expor os valores da arte de maneira contínua quando ela expressa um valor real e verdadeiro àquilo que se contempla. A arte, portanto, busca levar o ser humano ao conhecimento do belo. Para isso necessário se faz conhecer de forma intrínseca o que é a arte e qual o papel na vida das pessoas. Pois, a partir dela pode-se enxergar o mundo, as coisas e o outro com um olhar diferente, vendo a beleza que cada um possui na sua essência. Embora o artista busque imitar o real em uma obra, nem sempre sua arte representa a realidade de mundo fiel, pois o que está no mundo das ideias nem sempre expressa cem por cento ao que se conhece. Pode-se aproximar, mas não tornar-se idêntico àquilo que se têm na ideia.

Deve-se considerar, além disso, ter em mente ao se referir a valores das obras de arte, tempos, épocas, costumes, e que nem sempre ao longo da vida humana o homem se comunicou de maneira semelhante ao que se têm hoje. Na maioria das vezes eram usadas formas, símbolos e desenhos que hoje em dia já não há mais a mesma necessidade que outrora. Visto que atualmente as diversas formas de comunicação apresentam-se bastante desenvolvida não desprezando essas formas de comunicação, mas para expressar as variantes formas de arte da comunicação e linguagem, ressaltando que nas diversas formas de expressão artística o homem encontra em sua própria arte ou obra, uma quietude e beleza que o leva a necessidade de uma transcendência empírica profunda de acordo com sua experiência, embasado naquilo que produziu, naquilo que agora seus olhos podem ver, suas mãos podem tocar.

A arte é construtiva, deste modo pode se construir ou desconstruir algo que está profundamente dentro de seu ser, passando da mimesis do conhecimento (= ideia) para a aplicação da construção original de outro mundo que difere ao que está na ideia do artista. Esse mundo representa aquilo que a arte vai expressar de profundo do próprio ser do homem. Quanto ao conceito de mimesis, eis a afirmação do autor:

Uma das mais antigas tradições teóricas filia-o à representação. É o conceito de arte como mimesis. O termo comparece em vários textos da filosofia grega. O seu significado preciso depende, naturalmente, dos contextos. Pode aludir à mera imitação de traços e gestos humanos, tal como ocorria nos mimos e na pantomima. (BOSI, 1985, p. 28).

Alfredo diz que a arte está presente em tudo. Por isso, necessário se faz ressaltar que em relação aos valores necessita-se lembrar da influência que a arte sofre no tempo e lugar, uma vez que ela possui uma característica própria de conhecimento e valores atrelados ao contexto do dia a dia, em outras palavras: o que a sociedade está vivendo em detrimento de certos acontecimentos incidirá necessariamente na arte, como será tratado mais adiante. Bosi afirma que em nenhum momento da história a arte pôde ser considerada como “vazia” ou “sem produção artística”, pois em cada época ela é enriquecida por conteúdos próprios, valores e sistemas que caracterizam esta linguagem particular de arte.

2. A arte sacra e a arte religiosa

Depois de definir o que é a arte e o que ela é capaz de produzir, serão apresentadas duas vertentes que estão estritamente ligados à religião, a arte sacra e a arte religiosa, onde Claudio Pastro traz a definição de ambas. A arte sacra é essencial ao culto, à liturgia, ao mistério celebrado trazendo vida ao meio litúrgico, introduzindo o homem no Divino. A arte religiosa é qualquer obra que se pretende ilustrar como mensagem moral. Diante dessas suas definições, Pastro afirma que a arte sacra tem um peso muito maior no que se diz respeito ao transcendente, visto que este tipo de arte insere o ser humano na contemplação do Divino, em outras palavras é a comunicação do homem com Deus, pois ela (= a arte sacra) não é ideológica e em hipótese alguma deveria ser, pois sua função primordial é nos remeter a Deus e somente a Ele.

A arte sacra tem um papel eminente na sociedade, pois seduz o homem para observá-la dando forma aos pensamentos, emoções, personalidade, nos concedendo a possibilidade de externalizar o que está dentro de nós em um projeto pedagógico de “catarse”, que é a sua purificação pessoal ultrapassando barreiras, transcendendo aquilo que a razão é capaz de captar.

Recorrendo a Michelangelo, Pastro argumenta que a beleza que emana da arte torna-se a purificação daquilo que é desnecessário. Atualmente parece que pensar em “beleza” e “arte” é algo desconexo, visto que estão sendo usadas para outros fins tornando-se falsas. Vale ressaltar que, para o autor, o ser humano não produz o belo, pois este não é “seu” produto mas existe independentemente, significa que o homem produz arte e não a beleza em si, o belo é algo proporcionado por Alguém que está para além de nossa razão, este “Alguém” é chamado de “Belo por Excelência”: Deus. Se Deus é o Belo por Excelência dá sacralidade ao mundo, pois é sua morada. Diante disso, pode-se ser afirmado que no âmbito da sacralidade e pensando em lugar/espaço chamamos a morada do Altíssimo, que é o mundo e tudo o que o engloba, os seres humanos, animais, plantas, como um espaço sagrado que nos convida a ter um olhar transcendente para aquilo que se contempla.

Há duas posturas diante do que se considera sacro, sendo que a primeira nos leva a experimentar o sentimento de paraíso perdido numa busca constante pela perfeição, felicidade e prazer, sentimentos estes que torna o homem “humano”. A segunda postura antecipa ao paraíso aqui e agora através do êxtase espiritual na sua mais alta contemplação.

A arte é serviço e isso é afirmado tanto por Pastro quanto por Bosi. Esse serviço leva o homem a sair de si mesmo contemplando com profundidade aquilo que a arte representa que é o próprio Sagrado. Quando o homem olha para o mundo, como o Gênesis nos apresenta, vê os traços da criação divina, vê o céu e o mar, o homem e a mulher, os animais e plantas, pois em cada criatura há traços do Belo que deixa a sua marca em sua criação.

Como apresentado acima, a arte sofre influências no tempo e espaço que se encontra. Uma sociedade quando está em crise e acaba se esquecendo de valores morais acaba por não encontrar mais o belo e a arte, visto ser impossível algo que está doente produzir algo que seja bom e sadio, o que se pode encontrar senão imoralidades, caos, desarmonia? A doença moral do homem é capaz de trazer a destruição daquilo que o permeia. Diante da realidade que a humanidade vive vale refletir; o que se produz é considerado arte? Expressa-se o belo? Todavia, uma sociedade que está doente é incapaz de produzir algo que seja satisfatório a humanidade e nesse ponto de vista a arte é vista como fruto do ego humano. A consequência disto é que a arte doente pode se transvestir com máscaras em detrimento de querer agradar a Deus ou ao diabo, uma vez que ele também se transveste de beleza para atrair os homens a si. É esta a relação para ambos autores. A arte que sofre influências do homem e este homem que é capaz de trazer vida à arte, bem como de torna-la vazia, de dar sentido a ela, como também fazê-la perder seu sentido transcendente.

Quando se percebe a sociedade doente entra em cena uma nova crise, a crise do sacro, interferindo no espaço sagrado. Igrejas que são incapazes de levar o homem a reconhecer a grandiosidade de Deus através da arte sacra, que agora é mundanizada e medíocre, vulgar e tediosa e essa arte passa a não ser mais sacra e sim qualquer coisa menos sacra, pois perdeu a sua essência transcendental e a função primordial de levar também o homem a participar desta transcendência. Por fim, deve-se perguntar se a arte hoje está a serviço da beleza e se está, qual beleza seria esta? Uma beleza transcendental ou uma beleza mascarada de egoísmos e vaidades? A arte sacra é expressão de amor a Deus e esse amor transfigura o homem.

2.1. A arte sacra no espaço sagrado

O espaço sagrado é um lugar onde se pode encontrar com Deus. A partir disso, se faz necessário mostrar a importância da arquitetura sacra que possui esse grande

significado de introduzir a alma do homem a Deus. Por assim dizer, o templo é um lugar que deve refletir a grandiosidade de Deus. Cada peça, móvel, objeto, detalhe, posição tem um significado relevante, pois a harmonia do conjunto é o que enaltece o templo. A arte tem o seu papel indispensável, pois a riqueza da arquitetura está propriamente nos detalhes que possuem uma função extraordinária. A função da arte sacra visa a narração de algo que é sublime ou o Sublime propriamente dito. A Igreja (templo) possui uma dignidade como espaço ao serviço da celebração e o seu valor vai além de mero depósito de objetos sagrados, mas perpetua o seu valor espiritual no meio dos homens.

A beleza da construção arquitetônica é fundamental, pois eleva a alma do homem ao Divino fazendo com que este transcenda o tempo e o espaço que se encontra. O conjunto do templo (= fachada, torres, vitrais, pisos, imagens, sinos, arcos, cúpulas, bancos, altares, portas, presbitério, nave, átrio, sede, coro, iluminação, rito, órgão, canto, silêncio) quando estão em sintonia tem um poder superabundante de inserir o homem na mística divina. Arias ressalta que nas fachadas das catedrais medievais, como a de Amiens, as imagens narram as maravilhas da ação de Deus em seu povo ao longo da história da salvação e por isso é necessário olhar com o olhar transcendental (= da fé) para introduzir o ser humano nesse mesmo mistério.

Para alcançar essa mística que a alma do homem deseja um fator fundamental é apresentado por Arias, o silêncio. Pode-se dizer que o silêncio é uma arte e que este faz parte do espaço sagrado? Certamente. No culto, há momentos de falar, participar, mas há também o momento de contemplar o mistério, ação de Deus e a contemplação só se dá quando somos capazes de silenciar para escutar a Deus que fala na Palavra, nas pinturas, nos gestos e até no próprio silêncio. É por isso que muitas vezes o homem sofre ausência de Deus, pois não se sabe como alcançá-lo com as suas agitações e preocupações demasiadas.

Fernando enfatiza ainda a necessidade de um bom coral preparado para introduzir o homem nesse mistério, com músicas e instrumentos adequados. Faz-se necessário observar um estilo de música que permite adentrar nesta mística, como o canto gregoriano. O canto gregoriano é sem dúvidas um instrumento artístico poderoso de elevação da alma e que hoje passa despercebido nos ritos católicos. Até os próprios sacramentos são trazidos como perspectivas artísticas, pois suas funções nada mais são do que a introdução do homem na contemplação do Divino.

A Igreja (= templo) é o lugar onde a comunidade cristã se reúne, é o que afirma Arias, cujo fim é “escutar a Palavra, dirigir a Ele orações de intercessão e louvor e celebrar

os sagrados mistérios”. A identidade da Igreja enquanto edifício artístico tem como vocação significativa o fundamento de sua capacidade evangelizadora na cidade dos homens. O edifício transparece e representa de certo modo o vislumbrar do mistério da Igreja.

A partir dessa explanação acima e da perspectiva da arte na harmonia do conjunto pode se pensar que este mesmo conjunto ganha uma sacralidade veemente, capaz de introduzir qualquer homem que no desejo profundo de seu coração deseja encontrar-se com Deus. A arte sacra na Igreja, ou na religião, não tem outra função a não ser a da transcendência do humano com o Divino. Sua perspicácia inflama os corações. É por isso que uma pessoa que desejosa de encontrar-se com Deus e ao entrar em uma Igreja, cuja tem uma invariante de expressões artísticas facilmente O encontrará, porque Deus fala com o homem, a partir da sacralidade que este conjunto expressa.

3. Porque arte sacra?

Diante de tudo o que foi exposto até agora, a definição da arte enquanto técnica, meio de produção que se sucedem no tempo e que não é limitada, pode-se pensar que a arte enquanto “apenas arte” não está a serviço de nada além de si mesma. Se isso ocorresse certamente ela deixaria de ser aquilo que seu conceito afirma e passaria a ser qualquer coisa que não fosse arte. Deste modo, vale ressaltar que a arte está a serviço apenas do belo expressando aquilo que está arraigado na sua própria essência.

Por que pensar a arte sacra dentro da arte num modo geral? Quando se pensa o que é a arte na questão religiosa como é tratada neste capítulo, afirma-se que ela (= a arte sacra) nos remete a algo. Mas, ao que me remete esta arte sacra? Ela nos remete àquilo que temos de mais Sublime para nós, ao próprio Deus, na sua grandiosidade. É claro que seria impossível representar toda a perfeição de Deus, visto que o imperfeito jamais poderia reconhecer o Perfeitíssimo. É aqui que entra o papel da arte que traz essa delicadeza, sensibilidade e profundidade daquilo que se apresenta ao homem.

Dentro dessa perspectiva a arte sacra tenta incutir no coração do homem o desejo de buscar Aquele que é o criador dessa beleza que ele contempla, mas de que forma? Essa questão pode ser respondida ao modo que, a partir das representações sacras cuja definição já apresentamos anteriormente o homem passa a observar e a questionar-se, ao modo que ele mesmo seria incapaz de “criar” tudo que lhe é apresentado em conformidade com essa afirmativa passa a pensar em Alguém que está além de suas

próprias capacidades meramente humanas. Podemos concluir deste modo que a arte sacra nos remete a Deus.

Como podemos pensar a arte sacra dentro da perspectiva religiosa? Em toda nossa vida nós passamos buscando por respostas, tais como: de onde viemos, para onde vamos, quem nos criou e criou todas as coisas, quem inventou cores, texturas, sabores, cheiros e as demais coisas existentes. A religião vem ao homem para clarear seus pensamentos organizando-os e respondendo aos seus anseios.

A religião, mais especificamente o catolicismo, usou da arte sacra para elucidar aquilo que a própria comunicação linguística foi incapaz de transmitir. Prova disso é que na história do catolicismo encontramos milhares e milhares de capelas, paróquias, catedrais, basílicas, mosteiros, palácios cristãos com belíssimas representações artísticas que recordam ao homem da sua condição de todo o projeto salvífico de Cristo, do amor de Deus revelado e manifestado entre os homens. Podemos pensar assim que a arte sacra é um instrumento clareador que dá uma nova perspectiva ao homem.

Faz-se necessário aqui apresentar uma relação entre a arte (enquanto expressão do belo) e a arte (enquanto expressão do sacro). Quando vemos uma obra de arte como a Mona Lisa, notamos que há certa “perfeição” no sentido em que ao olhar profundamente para ela, captamos certos traços que expressam a realidade e a naturalidade de um ser humano.

A Mona Lisa é uma arte que, de certo modo, é “polêmica” por trazer uma definição de perfeição mesmo na limitação do nosso próprio conceito de perfeição, o mesmo se pode dizer da obra de arte La Vierge Voilee, que traz uma perfeita representação de uma mulher com um véu sobre sua cabeça. Os traços de ambas revelam uma beleza peculiar e imediata, capaz de satisfazer nossos desejos artísticos. A arte que tem em si uma gratuidade por conta do Belo presente nela, mesmo que na representação “perfeita” destas obras, é incapaz de levar a um pensamento transcendental porque a beleza, enquanto estética tem seu fim nela mesma. Por outro lado quando o homem tem diante dos seus olhos uma obra de arte sacra como um crucifixo, uma imagem, um ícone, tem-se a consciência de que a beleza destas representações vai além delas mesma, pois nos remetem propriamente a Deus.

Voltando ao exemplo do crucifixo, quando nos atentamos a sua mensagem catequética transmitida sabemos que o crucifixo é muito mais do que madeira, uma imagem de Jesus pregado, um letreiro, machucados expostos, mas é toda a história de redenção, de salvação da humanidade. O crucifixo (imagem) fala da dor, do sofrimento,

da paixão, da agonia, da misericórdia, do cume do amor Divino revelado aos homens. Podemos afirmar que a arte, segundo Platão, remete sempre ao belo, porém a arte sacra remete ao Belo, sendo Este o próprio Deus e não meramente um conceito. A arte sacra tem o papel de transcender a relação do homem em direção à Deus através de uma beleza que não para em si mesma, mas que usa de uma representação catequética para elevar a alma do homem ao Divino.

Depois dessa construção de pensamentos pautados na observação e na experimentação de ambas as artes, o homem pode se perguntar: Por que usar a arte sacra e não uma arte comum? Retomando a afirmação de que neste capítulo trata-se de uma transcendência do homem, a arte comum em nada contribui nesse papel transcendental para o mesmo, visto que tem sua beleza e sentido nela mesma. A vista disso, enquanto ferramenta potente a arte sacra é denominada como a arte do transcendente e por isso é ela que deve ser usada quando queremos destacar essa relação mistagógica entre o homem e Deus e a busca de respostas de questões metafísicas, coisa que a arte comum é incapaz de fazer.

Em um mundo pós-moderno, a arte sacra também sofre certas influências negativas que acabam prejudicando essa comunicação do homem com Deus. Os reflexos negativos são expressos em muitas de nossas Igrejas (do menor porte ao maior) que perdem sua função enquanto lugar de oração, contemplação, meditação e encontro com Deus.

As Igrejas antigas devido ao bom uso da harmonia presente nelas, (imagens, pinturas, quadros, iluminação, altares propiciavam ao homem um lugar mais profundo de oração e encontro com Deus. A igreja (templo) era o próprio convite à oração e à contemplação, porque a sua arquitetura era pensada para causar esse impacto no homem.

Já as Igrejas modernas (apesar de possuir uma arte sacra e religiosa), possuem uma dificuldade enorme em representar essa harmonia dos objetos que viemos defendendo até agora. Talvez porque tenta-se modernizar tanto a sacralidade das igrejas, que acabam perdendo o foco da missão da arte sacra enquanto ferramenta transcendental. Imagens que não combinam com o espaço sagrado, arquitetura abstrata e sem sentido mistagógico, iluminação que não favorece uma interiorização.

Pensando novamente em arquitetura religiosa vê-se na construção do Vaticano esse sentido transcendental exposto. Quando um homem se depara com a grandiosidade desta arquitetura percebe o quão pequeno é diante da vasta imensidão que ali é refletida, nas suas paredes, colunas, cúpula, arcos e em cada detalhe. A altura da Basílica de São

Pedro nos convida a olhar para o alto e no alto encontrar-se com Deus. Essa é a missão da arte sacra, elevar a alma do homem a Deus. Essa harmonia que foi exposta anteriormente facilita a elevação da alma.

Um fator de grande importância e que acaba também se tornando uma curiosidade é o material com que as igrejas são construídas. Parte delas é construída integralmente ou parcialmente com grandes blocos de pedras, rochas, mármore, blocos de madeira ou grandes blocos de concreto para mostrar a “resistência”, o “perpétuo” expresso na sua estrutura. Usando exemplos do Brasil temos as Igrejas dos estados de Minas Gerais e Bahia (não somente) que traz essa expressão sacra revelando a fortaleza, sublimidade e beleza da nossa arte.

Diante do objetivo de responder à questão, porque arte sacra e não uma arte geral e de tudo o que foi afirmado até agora, concluímos que seria insuficiente recorrer apenas à arte enquanto expressão só do belo. É necessário ter esse embasamento transcendental que só a arte sacra é capaz de proporcionar ao homem e uma vez que este se deixa envolver por Aquele que a arte sacra revela (= Deus), Ele passa a capacitar não somente os artistas, mas a todos de exprimir essa Beleza por meio da sensibilidade e imaginação, fazendo de suas obras artísticas uma mensagem de alegria, anúncio e esperança para o mundo.

Considerações finais

A principal preocupação da filosofia desde seus primórdios é a busca pela verdade, por aquilo que de certo modo vem dar sentido à vida humana. Por isso, legitimamos que ela teria nascido deste objetivo acima e se desenvolvido pelo mesmo. Com o avanço do conhecimento, das tecnologias, a filosofia pôde ir refinando e aprimorando suas técnicas, a fim de chegar a uma resposta plausível aos seus questionamentos.

No âmbito da arte que em cujo trabalho o intuito foi aborda-la filosoficamente não poderia ser diferente. Se tomarmos uma concepção de arte na pré-história, uma na idade média e uma na idade moderna e contemporânea, ou até mesmo nos estilos de arte existentes como a arte etrusca, religiosa, sacra, barroca, gótica, bizantina, rupestre, moderna, contemporânea podemos ver claramente a discrepância que há entre elas. No entanto, dizer que uma está errada e a outra certa não é e nunca foi o que pretendemos expor aqui. O objetivo do nosso trabalho teve por finalidade, a partir dos autores

estudados, delimitar um tipo de arte (a arte sacra), cujo papel fundamental defendido por nós é o da transcendência¹⁰.

Foram várias as visões desses teóricos da arte. No entanto, podemos ver que todas elas se completam. Há uma harmonia entre os pensamentos favorecendo uma melhor compreensão daquilo que denominamos arte sacra e a sua funcionalidade na vida do homem.

Depois de termos desenhado todo esse caminho lógico, conceituando, explicando e delimitando a arte, podemos e queremos dizer que quando se trata de uma questão transcendente é inviável recorrer a qualquer tipo de arte, pois sendo ela tão ampla seria incapaz de nos fornecer condições para relacionarmos com Aquele que está além da nossa própria experimentação. É por isso que defendemos a arte sacra: seu conceito expressa a sua sacralidade, o misticismo, aquilo que é próprio do Divino.

Vale enfatizar que em momento algum queremos desmerecer um ou outro tipo de arte. Nosso propósito foi estudar mais atentamente uma de suas ramificações a fim de poder dar conta de problematizar toda a questão que expusemos no início deste trabalho: a arte sacra como um mecanismo sublime de interação e integração do homem a Deus.

Embora esse estudo não tenha chegado ao fim, visto ser um assunto extremamente profundo e necessário, sobretudo na atualidade descrente do místico e do transcendente, a filosofia da arte busca responder às nossas problemáticas. Podemos concluir que haverá uma resposta diferente das que temos hoje daqui algum tempo? Conforme nos mostra a história da arte e compartilhando dos pensamentos e pensadores estudados podemos afirmar que certamente haverá outros pontos de vista e outras respostas aos anseios da sua realidade, no entanto, não podemos pôr como uma verdade última, mas deixando em aberto as verdades alcançadas por diferentes olhares. Eis o movimento natural do pensamento filosófico.

É preciso realçar o fato de que o conhecimento “humaniza” e “clareia” o homem porque sabe que por si só não consegue domar o mundo e o que lhe é dado, a pandemia apesar de ser um momento catastrófico para a humanidade nos ensina a ter essa visão, de reciprocidade, de proximidade, de acolhida, de amparo e de ajuda mútua. A reflexão e a comparação que podemos fazer da arte sacra em tempos de pandemia ocorre por

¹⁰ Transcende: é aquilo que denominamos neste trabalho da relação entre o homem e Deus. Transcendente é um termo filosófico que é posto para tudo aquilo que não é experimentado pela razão, empiricamente. Na relação homem e Deus, a fé, a religião e a arte, tornam-se essa ferramenta transcendente causando essa íntima relação do Criador com a criatura.

intermédio de um conhecimento de coisas naturais e imanentes, que auxiliam o homem nesse processo de humanização, bem como de clareza e que o torna sensível às necessidades de todos, deixando a esfera do individualismo e do egoísmo. Assim, a contemplação que nos é oferecida na arte sacra é uma ferramenta sublime de sensibilidade, esta que não deixa de ser uma das características da esfera estética no campo artístico e que visa auxiliar o homem na sua passagem da sombra às luzes da vida.

Referências

- ARIAS, F. L. *Projetar o espaço sagrado: o que é e como se constrói uma Igreja*. Brasília: CNBB, 2019.
- BOSI, A. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.
- COLI, J. *O que é Arte*. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- HERBERT, J. *Leonardo da Vinci para crianças – Pigmentos e tintas - como eram feitas*. Disponível em: <<https://fontedearte.wordpress.com/2016/02/21/pigmentos-e-tintas-como-eram-feitas/#:~:text=A%20tinta%20aderia%20%C3%A0s%20superf%C3%ADcies,ou%20%C3%A1gua%20para%20fazer%20tinta.>> Acesso em: 11 out. 2020.
- JANSON, H.W.; JANSON, A. *Iniciação à História da Arte*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PASTRO, C. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Recebido em: 23/11/2020
Aprovado em: 31/03/2021